

Ígne e eu: história dela, agora também a minha

Estudar na UFSC sempre foi um sonho, por diversas linhas, meu caminho parecia que se distanciava disso. Nascida em Florianópolis, morei a minha vida toda em Lages, fiz minhas graduações e especializações lá, fui mãe – duas vezes – e aquele velho sonho parecia que nunca morria ou envelhecia. Já mais madura, mas ainda com a cabeça cheia de sonhos, resolvi tentar – mais uma vez – o mestrado no PPGLIT. Quando entrei na pós-graduação em Literatura achava que sabia o que gostaria de pesquisar, meu querer sempre estivera em torno de mulheres: que escrevem, que publicam, que pesquisam. O projeto que propus permeava esse campo, porém faltava algo, talvez força, talvez fôlego, talvez um elemento fundamental: paixão pelo objeto pesquisado, que despertasse em mim a vontade das (re)descobertas.

A paixão chegou de forma visceral quando cursei pela primeira vez, de outras que viriam, a disciplina sobre as escritoras brasileiras do século XIX, ministrado pela professora Rosana Cássia dos Santos. Era exatamente esse o objeto desejado que eu queria pesquisar. Não fazia mais sentido não falar das escritoras do século XIX, todos aqueles nomes, todo o trabalho braçal e intelectual orquestrado pela saudosa professora e pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart e sua Editora Mulheres – por quem desenvolvi um extremo apreço e admiração.

Tudo isso só foi possível, graças à minha orientadora, Tânia Regina Oliveira Ramos que me ajudou a lapidar esse novo direcionamento, aceitou as minhas ideias, fazendo delas surgirem outras. Queria falar de uma das mais de duzentas escritoras que estavam nas antologias organizadas por Zahidé envolvendo centenas de pesquisadoras. A pergunta que figurava era: qual e como escolher? Estava conhecendo Maria Firmina dos Reis, Maria Benedicta Bormann, Ana Luiza de Azevedo Castro, Emília Freitas, Júlia Lopes de Almeida, Josefina Álvares de Azevedo, Ígne Sabino e tantas outras. Essas mulheres formam uma parte de uma história não contada.

Desde as primeiras linhas que li sobre Ignez Sabino fiquei impressionada com o tamanho de sua força, lembrando-me da força da própria Zahidé Muzart e o desejo de ambas de buscarem mulheres (ilustres) do Brasil. E a cada informação e leitura feita ficava mais claro que eu já havia escolhido sobre quem falar. Neste meu novo processo de pesquisa, eu abri o volume I da antologia e lá estava a página destinada a Ignez. Foi assim que quem eu escolhi também me escolheu. Desde então, tenho me dedicado a ler e pesquisar essa mulher de força e de história, a primeira mulher a falar e sistematizar outras mulheres que eu vejo quase como fonte de inspiração para o trabalho realizado futuramente pela Editora Mulheres, que reuniu tantas outras mulheres do presente falando sobre as mulheres do passado, costurando essa importante rede de pesquisadoras.

Durante minhas pesquisas e as aulas frequentadas ficavam sempre algumas dúvidas sobre Ignez Sabino: a quantidade de obras publicadas, a filha que pouco se sabia, seu início e seu fim. Pautada por essas questões, comecei pelos jornais, quanto mais eu procurava e encontrava, mais dúvidas eu tinha, mais nomes de obras apareciam, mais e mais.

Resolvi fazer a árvore genealógica de Ignez Sabino, sabia o nome de seu esposo e o primeiro nome de sua filha, queria localizar seus possíveis netos e bisnetos. Depois de muitos riscos e rabiscos cheguei a um nome: Maria Alice Tapajós Gomes¹, bisneta de Ignez. A essa altura já possuía o nome completo de Alice, filha da autora: Alice Sabino Maia. Mas saber seus nomes não fazia minha busca feliz, queria contato, queria fazer-lhes perguntas.

Tentei contato com Maria Alice, sem sucesso, achei seu instagram e e-mail mas não obtive resposta. Resolvi tentar seus filhos, primeiro José Francisco, falhei mais uma vez. Até que cheguei a Antonia Tapajós de Oliveira Ramos. Consegui encontrar uma loja de roupas que ela é sócia, enviei mensagem para o whatsapp da empresa, explicando que era pesquisadora, enviei minha carteirinha de estudante e

¹ Ela é uma estilista muito conhecida no Rio de Janeiro.

outros elementos. Obtive uma resposta positiva da vendedora que me respondeu: - vou avisar a Dona Antonia.

Após esse processo, enviei um e-mail detalhado para ela explicando meu objetivo, Antonia me respondeu que não conhecia Ignez Sabino, sua trisavó, e que não poderia me ajudar. Não desisti e contei-lhe quem era Ignez e porque ela é tão importante, perguntei-lhe se poderia indicar alguém da família que poderia me auxiliar. Algum tempo depois, ela me respondeu enviando-me o contato de Regina Helena.

Entrei em contato com essa senhora extremamente agradável que me contou sobre Alice, a quem ela conhecera intimamente, “Titia Alice”, como Regina Helena fala, era uma mulher que gostava de arte. A filha de Ignez Sabino tem nome, sobrenome, gostos e foto: Regina Helena enviou para mim uma foto de Alice Sabino Maia que se tornou Alice Tapajós Gomes depois de casar com Manoel Tapajós Gomes. Desta união tiveram 3 filhos, netos de Ignez Sabino: Paulo Tapajós Gomes, Oswaldo Tapajós Gomes e Haroldo Tapajós Gomes.²

Tentamos encontrar os pertences de Alice, sem sucesso, minha esperança figurava em encontrar manuscritos de Ignez Sabino nos pertences da filha. Mas, pelos relatos de Regina Helena, Alice não era tão ligada à mãe e não preservou seu espólio.

Minha outra tentativa foi pela ascendência de Ignez Sabino, descobri que seu pai, o médico Olegário Sabino Ludgero Pinho fundara, em 1848, em Pernambuco, a farmácia homeopática Dr. Sabino Pinho³ e que o negócio continua na família. Conversei com o descendente de Olegário Sabino, responsável pela farmácia por meio de uma ligação telefônica e soube, infelizmente, que em 1960 uma chuva levou todo o acervo e documentos que eles possuíam da família. Ele não soube me dizer se havia

² Os irmãos formaram um grupo musical no começo dos anos 60: *Trio tapajós*, após a saída de Oswaldo, Haroldo e Paulo continuam na carreira artística, obtendo parcerias com Vinicius de Moraes, apresentando programas de rádio na Rádio Nacional e várias outras colaborações de sucesso. A veia artística permeia os irmãos e, conseqüentemente, seus filhos, Paulinho e Dorinha Tapajós são exemplos disso.

³ Deixo aqui o link do site da farmácia : <https://www.sabinopinho.com.br/>

manuscritos de Ignez, apenas me disse que: - “Seu Olegário tinha uma filha que foi para a europa e tocava piano.”

Até então não possuía tal informação sobre Ignez Sabino, o que depois consegui confirmar por meio de artigos de jornais da época – falarei sobre isso no segundo capítulo deste trabalho.

Minha busca por Ignez me levou para alguns lugares, Rio de Janeiro, São Paulo e, agora, Lisboa. Localizar suas obras, seus escritos, fragmentos da sua vida, tem sido um (re)descobrir a minha própria. Às vezes eu me pergunto como seria se eu tivesse a conhecido, se isso fosse real, eu estaria no século XIX, como eu seria nesse cenário? Por que eu conheceria Ignez? Seria uma cliente da farmácia de seu pai? Sua colega de estudos na Inglaterra? Sua amiga do Rio de Janeiro? Alguma conhecida da família de seu marido em Portugal? Uma de suas leitoras dos livros ou dos jornais? Uma ex-escravizada que ela ajudou a alforriar?

O que escrevo não são devaneios e nem fruto de minha imaginação, mas a minha capacidade de fabular uma história que precisa ser contada ou aperfeiçoada, pois reconheço que muitas pesquisadoras já se empenharam nesta tarefa: Ignez Sabino esteve no século XIX, fez história e contou a história das mulheres brasileiras, em uma época tão difícil para as mulheres, mesmo as letradas. Ela escreveu muitos nomes próprios, a marca original de estar no mundo e assim, marcou seu próprio nome, como se esperasse que Zahidé, Maria Conceição, Laila, Constância, Rosana, eu e tantas outras déssemos visibilidade a ela como importante historiadora do século XIX.